

A MULHER E A ESCOLHA VOCACIONAL *

CELSO JOÃO FERRETTI **

RESUMO

O objetivo do estudo foi o de verificar se as escolhas de carreira universitária por parte dos vestibulandos na área do CESCEM refletem concepções discriminativas do papel profissional da mulher, e de que dependem tais concepções.

Os dados foram obtidos principalmente através das respostas de uma amostra de 10% dos candidatos de ambos os sexos a um questionário, no ato de inscrição aos exames vestibulares do CESCEM, em 1974. Dados subsidiários foram obtidos solicitando-se de 100 alunos de ambos os sexos, matriculados em "cursinhos" vestibulares, que respondessem a dois questionários construídos para fins deste estudo.

Os resultados indicaram que as carreiras do CESCEM podem ser classificadas em masculinas e femininas e que está ocorrendo uma progressiva feminização de algumas delas. O estudo não permite afirmar categoricamente que as carreiras femininas sejam de menor prestígio e remuneração, embora exista uma tendência nesse sentido. Poucas diferenças significativas foram observadas nas expectativas de ingresso e nas motivações de escolha dos candidatos em função das variáveis sexo e nível sócio-econômico.

SUMMARY

WOMAN AND VOCATIONAL CHOICE — The aim of the investigation was to find out if the choice of college careers by candidates to the entrance examination for selected biological careers reflect discriminative conceptions against the professional role of women and to verify on which grounds rest these conceptions.

Data was collected mainly by means of a questionnaire answered by the candidates during the examination enrollment, in 1973. The responses of 10% of the candidates of both sexes were used in the stud. Further data was obtained from 100 pupils of both sexes registered in courses which prepare the candidates for the examination.

Results indicated that the biological careers under study can be classified in masculine and feminine. They also showed that a progressive feminization of some of these careers is taking place. It was not possible to confirm the hypothesis that the feminine careers have less social prestige and are less paid. However, it was observed a tendency in that direction. The sex variable and the socio-economic status of the candidates affected little their expectation of entering the careers choosed and their motives for choosing them.

1. INTRODUÇÃO

Nenhum estudioso dos recursos humanos desconhece hoje a importância do papel que a escolha vocacional desempenha no processo de composição dos quadros da população economicamente ativa de um país. Se tais escolhas se realizam sem um

mínimo de racionalidade, estimulam a flutuação ocupacional, diminuem a produtividade e dificultam a distribuição adequada dos recursos humanos.

Por essa razão, vários estudos têm sido realizados a respeito da escolha de profissão. Alguns deles enfocam a questão de uma perspectiva psicológica (Scheefer, 1966). Outros abordam-na a partir de uma ótica sociológica (Beilin, 1956; Ginzberg, 1951; Rosemberg, 1957). Ambas as correntes tentam esclarecer os fatores que interferem no processo de escolha, de que forma o fazem e com que consequências.

* Pesquisa realizada com o apoio financeiro do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais — INEP.

** Orientador Educacional na rede oficial de ensino do Estado de São Paulo e Pesquisador Visitante da Fundação Carlos Chagas.

Dentre esses fatores, a condição de feminilidade ou de masculinidade assume papel bem destacado, considerando as discriminações que a mulher sofre com vistas à sua participação no mundo do trabalho. Tais discriminações são fruto de um ideal conservador de feminilidade, adaptado às condições presentes, em função dos avanços do desenvolvimento econômico e das idéias democráticas. Esse ideal admite que:

1. mulher não deve trabalhar, se puder evitá-lo. É a ideologia da privatização feminina;
2. se não puder evitá-lo, deve trabalhar em ocupações femininas. É a ideologia da discriminação sexual das tarefas contaminando o mundo do trabalho.

Essa concepção conservadora do papel da mulher tem um efeito restritivo sobre sua liberdade de opção profissional, estimulando a realização de escolhas "ingênuas".

Faz-se necessário, por isso, o conhecimento de novas facetas da relação mulher-trabalho que permitam melhor compreender o papel profissional da mulher. Esta compreensão mais ampla do problema oferecerá subsídios à intervenção teórica e racional do orientador educacional no processo de auxiliar o jovem em suas escolhas profissionais visando "assegurar a convergência ótima entre necessidades sociais e aspirações subjetivas", (Boss, Cordinet; Maire et Muller, 1960).

2. O PROBLEMA E AS HIPÓTESES

O estudo das opções realizadas por ocasião dos vestibulares aos cursos universitários constitui uma oportunidade privilegiada para a análise da problemática da escolha vocacional e de seus determinantes e, por conseguinte, para investigar as implicações dessa escolha para a relação mulher-trabalho.

Algumas das mais recentes e autorizadas postulações a respeito da escolha vocacional (Super, 1953; Ginzberg, 1951; Tiedeman, 1961) destacam que esta, mais do que um momento, é um processo de desenvolvimento que se estende da infância à vida adulta. No decorrer do processo o indivíduo realiza um sem número de escolhas até chegar àquela que implicará no desempenho de uma atividade profissional específica. Blau e colaboradores (Blau; Parnes; Gustad; Jessor e Wilcock, 1968) adotando o mesmo ponto de vista, indicam, entretanto, que, em qualquer ponto do processo uma opção entre alternativas resulta da interação entre dois conjuntos de fatores continuamente modificados pela experiência social:

- a) um conjunto pessoal de preferências, representado pela valorização diferencial das

recompensas oferecidas por diferentes ocupações;

- b) um conjunto pessoal de expectativas, representado pela estimativa feita pelo indivíduo acerca de suas possibilidades de concretizar as preferências.

Preferências e expectativas se hierarquizam para determinar a escolha vocacional que é condicionadora, por sua vez, da entrada do indivíduo na força do trabalho.

"Por outro lado, as preferências vocacionais, que finalmente se cristalizam não determinam diretamente a entrada na força de trabalho. A concretização dessas preferências, sua modificação ou seu abandono depende das decisões dos selecionadores, ou seja, das pessoas que afetam as chances do candidato adentrar determinada profissão ...; Dessa forma, o processo de seleção profissional, bem como o de escolha vocacional, devem ser levados em conta para explicar porque as pessoas acabam exercendo determinada ocupação" (Blau e outros, 1968).

Nessas condições, a escolha vocacional é duplamente determinada pela estrutura social: de um lado as influências sociais, modelando as potencialidades biológicas, resultam em características dos indivíduos, algumas das quais determinam diretamente a escolha; ao mesmo tempo, a estrutura social em processo de mudança, resulta, num dado momento, numa determinada organização sócio-econômica, sendo que alguns aspectos dessa organização determinam diretamente a seleção profissional.

Oito fatores (ou determinantes imediatos), resultantes desse processo, condicionam a entrada do indivíduo na força de trabalho. Quatro desses fatores referem-se ao mundo das ocupações e orientam o processo de seleção (demanda, requisitos funcionais, requisitos não funcionais, recompensas). Os demais referem-se às condições individuais e determinam diretamente a escolha vocacional (informação ocupacional, qualificações técnicas, características do papel social e hierarquia de valores)*.

Parece razoável admitir, em primeiro lugar, que a escolha de carreira é uma dentre as muitas escolhas, que o indivíduo realiza, até chegar à opção final.

* O sexo é considerado, dentro do esquema de Blau, como um dos componentes do determinante "requisitos não funcionais" referente aos critérios que afetam a seleção, mas que não são relevantes para o desempenho profissional. Por outro lado é tido, dentro do mesmo esquema, como uma das "características do papel social" ou seja, características do indivíduo que embora não sejam relevantes para o desempenho profissional influenciam a seleção.

De outro lado, é também admissível, que o mesmo processo e os mesmos determinantes imediatos que regem a escolha final e o ingresso na força de trabalho, estejam também atuando na escolha de carreira universitária e na matrícula em cursos de nível superior.

De fato, ao realizar sua escolha de carreira o indivíduo baseia-se em alguma informação ocupacional e desenvolve alguma estimativa de suas qualificações para seguir a carreira pretendida. Por outro lado, se está suficientemente informado, realiza sua escolha considerando certas características de papel social (entre as quais o sexo) que podem afetar sua admissão posterior numa atividade profissional. Além disso, na escolha de carreira, assim como na escolha profissional última, o indivíduo valoriza, de alguma forma, as recompensas que uma e outra podem oferecer.

Por sua vez, a matrícula no curso de nível superior pode, em termos do processo descrito, ser equiparada ao ingresso na força de trabalho pois depende, de um lado, da escolha de carreira e, de outro, de selecionadores (aqui representados pelos que controlam o ingresso do jovem no curso superior). O processo de seleção para a carreira, embora atribua reduzido ou nenhum peso aos requisitos não funcionais dos candidatos (entre os quais o sexo), atua com base nos demais determinantes imediatos que controlam a seleção realizada por empregadores.

O papel do sexo como um dos determinantes da escolha e seleção profissional e como elemento de discriminação da mulher no seu papel profissional é referendado por vários estudos de caráter sócio-econômico. Tais investigações indicam que:

- a) Na maioria dos países do mundo, as profissões se dividem em "masculinas" e "femininas" (Sullerot, 1970);
- b) é possível estabelecer uma tipologia de profissões masculinas e femininas, com base na tradicional e universal divisão sexual do trabalho (Pigot, 1969);
- c) "a grande lei que preside a separação entre profissões masculinas e femininas... é a lei do rendimento e do prestígio. As capacidades, digam o que disserem, são um aspecto secundário da questão. Na América, os médicos são homens. Na URSS, a profissão é exercida por mulheres. Na América, os médicos são extremamente prósperos; na URSS, o ordenado de um médico é relativamente baixo... A lei da rentabilidade e do prestígio é imutável e tem por corolário esta segunda lei: uma profissão, que se funciona-

riza, feminiliza-se, ganha em segurança, perde em prestígio e em benefícios imediatos..." (Sullerot, 1970);

- d) as motivações de escolha profissional e as atitudes acerca do trabalho feminino variam conforme a classe social (Chombart de Lauwe, Marie José et Paul Henry e outros, 1963).

A respeito deste último ponto valeria a pena indagar: estaria a classe social determinando, para as mulheres, uma vivência diferente e específica de sua condição de mulher, no que diz respeito ao papel profissional? Esta é uma possibilidade na medida em que, mesmo dentro de um grupo de jovens de classe média (como geralmente o são os vestibulandos) é possível diferenciar pelo menos dois tipos de indivíduos que, segundo McGuire (1951), teriam mais possibilidades de cursar uma universidade.

- a) "estático" — um jovem de classe alta, ou de classe média superior, que absorveu as atitudes educacionais de seu grupo social;
- b) "alpinista" — um jovem de classe média inferior, ou classe baixa, que tem grande vontade de progredir na vida, que compreende que se exigirá dele auto-controle e trabalho duro, mas se sente preparado para fazer os sacrifícios necessários a fim de obter uma educação universitária.

Até 1970, a tradicional divisão de profissões em masculinas e femininas persistia entre nós. É o que se pode inferir do estudo realizado por Oliveira a respeito das carreiras universitárias da área do CEECEM. Examinando os dados relativos aos vestibulares dessa área, em 1971, Oliveira constatou um aumento de 20% na participação feminina entre 1966/67 e 1971. Analisando, por sexo, as escolhas dos candidatos em primeira opção, verificou que as carreiras do CEECEM poderiam ser classificadas em "masculinas" (Medicina, Veterinária, Odontologia e Agronomia), ou "femininas" (Biologia, Enfermagem, Nutrição, Ciências Domésticas, Psicologia e Especialidades Paramédicas) considerando-se definidora da característica a presença de porcentagem superior a 60% em um dos sexos. Apenas Farmácia-Bioquímica e Educação Física apresentam-se, dentro desse critério, equilibradas entre os sexos* (Oliveira, 1972).

Considerando o que foi exposto, a pesquisa se propôs investigar as escolhas de carreira universitária na área do CEECEM, em 1974, por parte dos vestibulandos, especialmente os do sexo feminino, a

* Para fins desta pesquisa denominamos de "neutras" as carreiras que, dentro do critério percentual, guardam equilíbrio entre os sexos.

fim de verificar se as mesmas continuam a revelar uma concepção discriminativa do papel profissional da mulher e, em caso positivo, de que depende tal concepção.

A fim de examinar o problema, foram propostas as oito hipóteses que se seguem, das quais as duas últimas têm caráter exploratório.

1. Os candidatos do sexo feminino escolherão predominantemente carreiras ditas "femininas" e os do sexo masculino escolherão predominantemente carreiras ditas "masculinas".
2. As carreiras "femininas" comparadas às "masculinas" são as de menor remuneração.
3. As carreiras "femininas" comparadas às "masculinas" são as de menor prestígio social.
4. Há uma diferença significativa nas expectativas de candidatos do sexo masculino e feminino acerca de suas probabilidades de ingresso nos cursos pelos quais optaram.
 - 4.1. As estimativas subjetivas de probabilidades de ingresso (expectativas) dos candidatos do sexo feminino serão mais baixas que as do sexo masculino.
5. O nível sócio-econômico influencia significativamente as escolhas feitas por candidatos do sexo feminino.
 - 5.1. As vestibulandas de nível sócio-econômico mais baixo escolherão em maior porcentagem carreiras ditas "masculinas".
6. O nível sócio-econômico influencia significativamente muitas expectativas dos candidatos do sexo feminino, acerca de suas probabilidades de ingressar nos cursos pelos quais optaram.
 - 6.1. As vestibulandas de nível sócio-econômico mais baixo apresentarão altas estimativas subjetivas de probabilidade de ingresso (expectativas).
7. Há uma diferença significativa entre candidatos do sexo masculino e feminino nas motivações de escolha de carreira.
8. O nível sócio-econômico produz diferença significativa nas motivações de escolha da carreira indicada pelos candidatos do sexo feminino.

3. METODOLOGIA

3.1. Instrumento empregados

A quase totalidade dos dados foi colhida através do questionário respondido voluntariamente pelos

candidatos no ato de sua inscrição ao concurso vestibular (questionário 1). Este compõe-se de 64 itens, dos quais utilizamos apenas dezessete que interessam ao presente estudo. As informações sobre o sexo e escolha de carreira foram obtidas através do *Requerimento de Inscrição*.

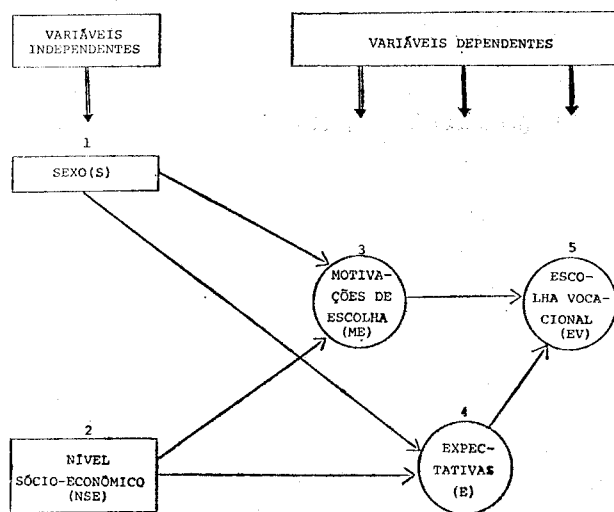
Foi também utilizado um outro instrumento, destinado a colher os elementos necessários à caracterização da escolha vocacional. Esse instrumento consiste de um questionário contendo três questões e foi denominado *questionário 2*.

Além disso, tendo em vista o controle do processo utilizado na validação do critério de categorização das profissões masculinas e femininas, foi empregado um quarto instrumento, denominado *questionário 3*. Este consta de 7 pares de carreiras (os mesmos pares apresentados na questão 3 do questionário 2) e aos quais os alunos deveriam responder indicando quais das carreiras em cada par consideravam mais apropriadas para homens e para mulheres. Os alunos poderiam indicar ambas como masculinas, ambas como femininas ou uma como feminina e outra masculina. Eram instados a não deixar de fazer a indicação solicitada. Na computação das respostas, a indicação de uma carreira simultaneamente como masculina e feminina conduziu à inclusão dessa indicação numa categoria denominada *indiferente*.

3.2. Modelo de análise

O modelo de análise empregado no estudo vem representando a seguir:

FIGURA 1 — MODELO DE ANALISE DA INTERRELAÇÃO ENTRE ESCOLHA VOCACIONAL E FATORES DETERMINANTES (OS ALGARISMOS REPRESENTAM AS VARIÁVEIS TANTO QUANTO SUAS ABREVIACÕES)



4.3 Operacionalização das variáveis

Variável 1 — Sexo (S): masculino ou feminino, conforme indicação do candidato prestada no Requerimento de Inscrição ao concurso vestibular na área do CESCEM.

Variável 2 — Nível sócio-econômico (NSE): para sua definição foram usados três indicadores:

a) *ocupação do pai* — expressa numa escala de sete níveis e que representa uma versão modificada da Escala de Hierarquia de Prestígio utilizada por Bertram Hutchinson em seu estudo **Mobilidade e Trabalho**. Os sete níveis são os seguintes:

- 1) altos cargos políticos e administrativos, proprietários de grandes empresas e assemelhados;
- 2) profissões liberais; cargos de gerência ou direção; proprietários de empresas de tamanho médio;
- 3) posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais; proprietários de pequenas empresas comerciais e industriais;
- 4) ocupações não manuais de rotina e assemelhados;
- 5) supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas;
- 6) ocupações manuais especializadas e assemelhadas;
- 7) ocupações manuais não especializadas (Dias, 1967).

Para usar essa escala, empregamos as respostas oferecidas pelos sujeitos ao item 56 do instrumento de coleta de dados.

b) *instrução do pai* — expressa numa escala de oito categorias, como segue:

- 1) nenhum ano de estudo
- 2) **primário incompleto**
- 3) primário completo
- 4) secundário de 1.º grau incompleto (antigo ginásio)
- 5) secundário de 1.º grau completo (antigo ginásio)
- 6) colegial (completo ou incompleto)
- 7) superior incompleto
- 8) superior completo

Para usar essa escala foram reagrupados os dados resultantes das respostas dos candidatos ao item 51 do instrumento de coleta.

c) *renda familiar mensal* — expressa numa escala de oito categorias, como segue (valor em cruzeiros)

- 1) 500 ou menos
- 2) 501 a 1000
- 3) 1001 a 1500
- 4) 1501 a 2000
- 5) 2001 a 3000
- 6) 3001 a 4000
- 7) 4001 a 5000
- 8) acima de 5000

Essa escala reproduz exatamente as categorias alternativas de resposta oferecidas aos candidatos, no item 59 do instrumento de coleta.

Com o propósito de sintetizar os dados resultantes do posicionamento dos sujeitos nos três indicadores já apontados utilizamos uma versão modificada da técnica de Davis. Esta “consiste em distribuir os alunos segundo sua posição acima ou abaixo da mediana em cada uma das distribuições: por nível de renda familiar, por nível de ocupação e de instrução do pai. A posição superior compreende aqueles que estão acima das respectivas medianas nas três distribuições, logo abaixo, classificando-se os que estão acima das medianas de duas distribuições, seguidos pelos que se colocam apenas uma vez acima desses pontos. Na classe inferior encontram-se os que estão abaixo das três medianas” (Bessa, 1971). A cada um desses estratos ou classes fizemos corresponder respectivamente os valores 4, 3, 2, 1.

Variável 3 — Motivações de Escolha (ME): referem-se às razões apresentadas pelo sujeito para justificar a escolha de carreira. As motivações de escolha são expressas em categorias discretas segundo as respostas dos vestibulandos aos itens de 36 a 43 do instrumento de coleta de dados. Cada um dos itens indica uma motivação de escolha. Dado que os itens mencionados não esgotam todas as motivações possíveis, não nos pareceu interessante tentar agrupá-los em categorias, preferindo-se tratá-los em separado, como se indicou acima.

Variável 4 — Expectativas (E): a expectativa, também denominada “probabilidade pessoal, probabilidade psicológica refere-se ao julgamento que o indivíduo faz a respeito de suas possibilidades de alcançar determinado fim” (Edwards, 1954). Essa variável expressou-se numa escala de cinco categorias e que correspondem exatamente às alternativas de resposta oferecidas pelo item 29 do instrumento de coleta de dados.

Dados empíricos já obtidos com esse item asseguram que as categorias parecem funcionar com razoável grau de discriminação.

Variável 5 — Escolha Vocacional (EV): o termo escolha vocacional tem sido, por vezes, diferenciado na literatura das expressões escolha profissional/escolha ocupacional. Em nosso estudo elas foram tomadas como sinônimos e significam a escolha de carreira feita pelo vestibulando ao preencher o *Requerimento de Inscrição*. As carreiras escolhidas foram categorizadas em masculinas, femininas e neutras.

A porcentagem de escolhas igual ou superior a 60% em um dos sexos serviu como critério para a caracterização das carreiras em masculina ou feminina; foi classificada como neutra a carreira em que houvesse dentro do critério percentual, equilíbrio entre os dois sexos.

Esse critério foi validado obtendo-se, entre 100 sujeitos de ambos os sexos, uma caracterização dessas mesmas carreiras em masculinas e femininas. Os sujeitos utilizados foram recrutados entre os alunos de terceira série de 2.º grau de duas escolas da cidade de São Paulo, que estavam freqüentando cursinhos preparatórios tanto para a área Biológica, como para as áreas de Ciências Exatas e Humanas, no município de São Paulo.

Para obter a mencionada caracterização adotamos o seguinte procedimento:

- a) construímos sete descrições breves propositadamente vagas e ambíguas. Em cada uma identificamos as aptidões, interesses, nível sócio-econômico, nível de escolaridade, idade e outras características do personagem central, mas não o sexo (questão 3 do questionário 2).
- b) a cada uma das descrições fizemos corresponder um par de carreiras na área biológica dentre as cobertas pelo vestibular do CESCEM. Cada par foi composto:
 - b₁) ou por uma carreira masculina e por uma feminina, assim categorizadas segundo o critério de freqüência de escolha pelos vestibulandos de 1971;
 - b₂) ou por duas carreiras que, pelo critério acima, não tinham sido definidas nem como masculinas nem como femininas;
- c) dividimos a amostra total em duas sub-amostras de tamanho semelhante, sendo uma composta por sujeitos do sexo masculino e a outra constituída pelos sujeitos do sexo feminino. Em seguida dividimos cada sub-amostra em dois grupos. A ambos apresentamos as sete descrições. Para o primeiro grupo os personagens foram caracterizados como homens. Para o segundo, como mulheres. Solicitamos, então, aos elementos que compunham os grupos, que indi-

cassem, para cada descrição, qual a carreira do par correspondente que julgavam mais adequada para o personagem descrito.

O teste da hipótese 2 exigia o cálculo do salário médio dos profissionais nas diferentes carreiras. Seria desejável que determinasse, para cada carreira, o local preponderante de trabalho do profissional, para, a partir desse dado, realizar uma estimativa salarial. Entretanto esse procedimento afigurava-se demasiado difícil e oneroso. Optamos, então, por trabalhar com informações salariais atualizadas sobre as carreiras em questão, coletadas pelo Instituto de Pesquisas Econômicas da USP entre empresas paulistas (Caron e outros, 1974).

O teste da hipótese 3, por seu turno, demandava a construção de uma escala de prestígio das carreiras do CESCEM. Para tal empregamos processo análogo ao usado por Bertram Hutchinson na construção de sua Escala de Hierarquia de Prestígio das Ocupações (Hutchinson, 1960). Utilizamos como sujeitos os alunos de cursinhos, anteriormente mencionados e adotamos o seguinte procedimento:

- a) a cada um apresentamos a lista de carreiras oferecidas pelo vestibular CESCEM/74 e pedimos que lhes atribuissem postos de 1 a 12 de tal forma que a ordenação final representasse o que — na opinião do informante — seria a escala decrescente do prestígio social das carreiras consideradas (questão 1, do questionário 2);
- b) dividimos a amostra em 2 grupos: masculino e feminino. Computamos para cada grupo a média ponderada dos pontos atribuídos a cada carreira;
- c) calculamos a mediana das médias ponderadas dos dois grupos e obtivemos a posição de cada carreira numa escala de prestígio de carreiras do CESCEM.

A fim de verificar quais as expectativas de remuneração nas 12 carreiras alimentadas pelos futuros vestibulandos solicitamos-lhes que explicitassem o salário médio que, no seu entender, correspondia a cada uma das 12 carreiras, no Estado de São Paulo (questão 2 do questionário 2). Aos salários médios foram atribuídos postos de 1 a 12. Para tal calculamos, primeiramente, a média entre os salários atribuídos a cada carreira pelos sujeitos. Em seguida ordenamos essas médias em ordem decrescente, distribuindo-as pelos 12 postos.

4.4 Testes estatísticos empregados

Considerando que as variáveis da pesquisa prestam-se a medidas do tipo nominal (Guilford, 1954), o teste estatístico das hipóteses foi feito através do cálculo de χ^2 , baseado em tabelas de contingência.

Constituíram exceção os testes das hipóteses 2 e 3, realizados através da correlação de postos usando o coeficiente de Spearman e a verificação da hipótese 4.1 em que empregamos o teste de diferença de médias.

5. POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população de onde foi retirada a amostra utilizada na presente pesquisa constitui-se dos candidatos ao concurso vestibular do CESCCEM, realizado em janeiro de 1974. Compõe-se de 17.681 candidatos inscritos na capital de São Paulo e em mais seis cidades do interior paulista, que concorreram às 2.164 vagas oferecidas em 36 cursos reunidos em 12 carreiras*.

A amostra foi extraída aleatoriamente da população acima. Constituiu-se de 10% da mesma, distribuídos proporcionalmente em relação à variável sexo, conforme os dados abaixo:

sub-grupo masculino	—	721 sujeitos	41%
sub-grupo feminino	—	1039 sujeitos	59%
Total da amostra	—	1760 sujeitos	100%

5.1. Características da amostra

A amostra empregada nesta investigação é composta, predominantemente, de indivíduos com idade variando entre 17 e 21 anos, ocorrendo maior concentração em torno dos 18 e 19 anos (44,5% dos sujeitos). O sub-grupo masculino, todavia, apresenta maiores concentrações em torno da faixa de 19 e 20 anos.

A maior parte dos sujeitos é do sexo feminino (59%) e está incluída nos estratos 1 e 2 na classificação de Nível Sócio-Econômico (NSE) empregada neste estudo (61,5%).

Mais da metade dos sujeitos (57,6%) nunca havia prestado exames vestibulares em anos anteriores. Cerca de 30% já o haviam feito anteriormente, tendo se candidatado para a mesma carreira em que prestavam exames em 1974. Esse comportamento não se mostrou afetado pelo NSE. Por outro lado, um contingente significativamente

* Tais carreiras são:

- 1) Agronomia e Engenharia Florestal
- 2) Biologia e História Natural
- 3) Ciências Domésticas
- 4) Educação Física
- 5) Enfermagem e Obstetrícia
- 6) Especialidades Paramédicas (Fonoaudiologia, Ortóptica, Fisioterapia, Terapia Ocupacional)
- 7) Farmácia e Bioquímica
- 8) Medicina
- 9) Medicina Veterinária
- 10) Nutrição
- 11) Odontologia
- 12) Psicologia (Fundação Carlos Chagas, 1973).

maior de elementos do sexo masculino incluiu-se entre os que estavam novamente prestando exames para a mesma carreira a que já se haviam candidatado anteriormente.

Cerca de 37% dos candidatos pretendiam, se reprovados, prestar novos exames vestibulares no mesmo ano e na *mesma carreira* e aproximadamente 40% pretendiam preparar-se para a realização de novos vestibulares no ano seguinte, na *mesma carreira*. Essa tendência evidenciou-se de maneira semelhante para ambos os sexos e independentemente do NSE.

Esta última característica do comportamento de escolha da amostra é parcialmente reforçada quando se indaga dos sujeitos a respeito das possibilidades de obter satisfação *apenas* através da carreira escolhida ou através de outras alternativas. Cerca de 55% consideraram sua primeira opção como a única que lhes podia oferecer satisfação. Todavia, aproximadamente 35% consideraram-na uma entre as várias que poderiam satisfazê-los. As variáveis sexo e NSE aparentemente não determinaram discriminações, entre os sujeitos, nesse comportamento.

6. RESULTADOS

Antes da apresentação dos resultados referentes à hipótese de que os candidatos do sexo feminino escolhem predominantemente carreiras femininas e os do sexo masculino optam preferencialmente por carreiras masculinas (H_1), convém fazer alguns esclarecimentos.

Em primeiro lugar, é necessário explicitar o critério utilizado para classificar as carreiras do CESCCEM em masculinas e femininas a fim de testar a H_1 . Para isso deve-se ressaltar que constatamos uma grande semelhança entre a categorização das carreiras do CESCCEM em masculinas e femininas, segundo o critério tradicional, e a distribuição dessas carreiras, pelas mesmas categorias, segundo o critério percentual utilizado por Oliveira (1972). Em vista disso, consideramos a classificação das carreiras do CESCCEM, obtida por Oliveira, como expressão da tradicional divisão sexual do trabalho, aplicada a essas mesmas carreiras. Essa classificação foi a que empregamos no teste da H_1 .

Em segundo lugar, deve-se esclarecer que, além do critério *percentual*, utilizou-se, para discutir a H_1 , um segundo critério, de caráter *perceptual*, que permitiu a categorização das doze carreiras do CESCCEM em masculinas e femininas, a partir da opinião de 100 alunos de cursinhos pré-vestibulares.

Finalmente, deve-se esclarecer que as opções dos vestibulandos CESCCEM/74, também permitiram uma caracterização das carreiras CESCCEM em masculinas e femininas, utilizando-se o critério percentual.

A estatística de χ^2 empregada para o teste de H_1 indicou a existência de relação de dependência entre as variáveis sexo e escolha de carreira a nível de 0,00001.

O exame da Tabela 1, abaixo, cujos dados foram utilizados para o cálculo da estatística de χ^2 , evidenciam que as diferenças significantes observadas na escolha de carreiras masculinas e femininas por parte dos vestibulandos CESCEM/74 parecem dever-se mais à escolha de carreiras femininas e neutras por parte das vestibulandas do sexo feminino do que à escolha de carreiras masculinas por parte dos vestibulandos do sexo masculino, embora fique claro que as carreiras masculinas são escolhidas principalmente por homens.

TABELA 1 — ESCOLHA, EM 1.ª OPÇÃO, DE CARREIRAS MASCULINAS E FEMININAS POR PARTE DE VESTIBULANDOS CESCEM/74.

CARREIRAS SEXO DOS VES- TIBULANDOS	ÉPOCA			TOTAL
	MASCULINAS	FEMININAS	NEUTRAS	
MASCULINO	623	48	50	721
FEMININO	539	360	140	1039
TOTAL	1162	408	190	1760

Isto parece indicar que, no CESCEM, conquanto as carreiras femininas continuem a ser escolhidas por moças, as masculinas parecem estar sofrendo um processo de feminização. A fim de verificar a veracidade dessa suposição procedeu-se ao exame analítico das opções dos vestibulandos CESCEM/74.

Esse exame mostrou que, pelo critério percentual, duas carreiras podem ser ditas masculinas, oito femininas e duas neutras, como indicado na Tabela 2, a seguir:

TABELA 2 — DISTRIBUIÇÃO POR SEXO, DAS ESCOLHAS VOCACIONAIS DOS VESTIBULANDOS CESCEM/74.

CARREIRAS	SEXO		TOTAL
	FEMININO	MASCULINO	
Ciências Domésticas	100% (3)	0,0% (0)	100% (3)
Enfermagem	98,8% (83)	1,2% (1)	100% (84)
Nutrição	93,9% (31)	6,1% (2)	100% (33)
Paramédicas	92,3% (60)	7,7% (5)	100% (65)
Psicologia	87,1% (74)	12,9% (11)	100% (85)
Biologia e História Natural	79,0% (109)	21,0% (29)	100% (138)
Educação Física	75,0% (33)	25,0% (11)	100% (44)
Farmácia Bioquímica	73,3% (107)	26,7% (39)	100% (146)
Odontologia	58,2% (96)	41,8% (69)	100% (165)
Medicina	48,0% (409)	52,0% (443)	100% (852)
Medicina Veterinária	38,5% (20)	61,5% (32)	100% (52)
Agronomia e Engenharia Florestal	15,1% (14)	84,9% (79)	100% (93)

A comparação desses dados com os fornecidos por Oliveira a respeito dos vestibulandos CESCEM/1971 indica, de fato, a existência de modificações na "sexualização" das profissões por parte dos vestibulandos CESCEM. Com efeito, em 1971, quatro das carreiras dos vestibulandos CESCEM podiam, pelo critério percentual, ser consideradas masculinas, seis femininas e duas neutras.

O Quadro 1 abaixo resume as modificações ocorridas no período de 1971 a 1974.

QUADRO 1 — MODIFICAÇÕES OCORRIDAS NA "SEXUALIZAÇÃO" DAS CARREIRAS DO CESCEM NO PERÍODO 1971/1974.

CARREIRAS	ÉPOCA	
	1971	1974
Ciências Domésticas	feminina	feminina
Enfermagem	feminina	feminina
Nutrição	feminina	feminina
Paramédicas	feminina	feminina
Psicologia	feminina	feminina
Biologia e História Natural	feminina	feminina
Educação Física	neutra	feminina
Farmácia Bioquímica	neutra	feminina
Odontologia*	masculina	neutra
Medicina	masculina	neutra
Medicina Veterinária	masculina	masculina
Agronomia e Engenharia Florestal	masculina	masculina

* Odontologia pode ser considerada quase uma carreira feminina em função do critério adotado.

É interessante notar que a categoria feminina se modificou pelo acréscimo de novas carreiras, incorporando aquelas anteriormente incluídas entre as neutras, enquanto que as categorias masculina e neutra se modificaram, respectivamente, por supressão e deslocamento. Ou seja, parece ocorrer uma tendência de feminização das carreiras do esquema CESCEM através de um processo gradual indicado pelo sentido:

carreiras masculinas → carreiras neutras → carreiras femininas.

Não dispomos de informações que permitam generalizar essa observação. O Anuário Estatístico Brasileiro, referente ao ano de 1974, fornece dados agrupados sobre matrícula inicial nos ciclos básicos e de formação profissional, por área, mas não por curso. Os elementos fornecidos pelo Anuário Estatístico indicam a predominância de matrículas de indivíduos do *sexo masculino* nas áreas em que se incluem algumas das carreiras do vestibular CESCEM*.

* De acordo com o Anuário, as carreiras de Farmácia-Bioquímica, Nutrição, Medicina, Biologia, Odontologia e Enfermagem compõem, com outros cursos, a área de Ciências Biológicas e da Saúde; as carreiras de Agronomia e Medicina-Veterinária, entre outras, compõem a área de Ciências Agrárias; e Psicologia é uma das carreiras incluídas na área de Ciências Humanas.

A tentativa de validação do critério percentual por um critério perceptual revelou alguns dados não esperados, como se pode observar pelas Tabelas 3 e 4, a seguir:

TABELA 3 — INDICAÇÕES DE CARREIRAS DO CESCEM, PARA PERSONAGENS, MASCULINOS E FEMININOS, POR PARTE DE ALUNOS DO SEXO FEMININO DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES, A PARTIR DE DES-CRICOES.

DESCRICOES	Sujeitos		MASCULINOS		X ²	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
	Pares de carreiras	Personagens	MASCU- LINOS	FEMI- NINOS		
1	Medicina Enfermagem		18 5	12 11	3,4500	0,05
2	Agronomia Biologia		17 6	12 11	2,3327	n.sig.
3	Odontologia Paramédicas		2 21	5 18	1,5165	n.sig.
4	Veterinária Nutrição		2 21	5 18	1,5165	n.sig.
5	Educ.Física Farm.Bioquímica		5 18	13 10	5,8413	0,02
6	Medicina Psicologia		4 19	3 20	0,1685	n.sig.
7	Agronomia Ciênc.Domésticas		11 12	15 8	1,4154	n.sig.

TABELA 4 — INDICAÇÕES DE CARREIRAS DO CESCEM, PARA PERSONAGENS, MASCULINOS E FEMININOS, POR PARTE DE ALUNOS DO SEXO FEMININO DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES, A PARTIR DE DES-CRICOES.

DESCRICOES	Sujeitos		FEMININOS		X ²	NÍVEL DE SIGNIFICÂNCIA
	Pares de Carreiras	Personagens	MASCU- LINOS	FEMI- NINOS		
1	Medicina Enfermagem		17 10	15 12	0,3069	n.signif.
2	Agronomia Biologia		19 8	10 17	2,0893	n.signif.
3	Odontologia Paramédicas		5 22	1 26	3,0000	0,05
4	Veterinária Nutrição		4 23	7 20	1,0275	n.signif.
5	Educ.Física Farm.Bioquímica		13 14	13 14	0,0000	n.signif.
6	Medicina Psicologia		7 20	5 22	0,4286	n.signif.
7	Agronomia Ciênc.Domésticas		19 8	14 13	1,6918	n.signif.

O exame dessas Tabelas revela que tanto os alunos de cursinhos pré-vestibulares do sexo masculino como os do sexo feminino tendem a não estabelecer distinção na indicação de carreiras para personagens masculinos e femininos no que se refere aos pares de carreiras abaixo:

Agronomia — Biologia e História Natural
Veterinária — Nutrição
Medicina — Psicologia

Agronomia — Ciências Domésticas, o que chega a surpreender nos casos de Agronomia e Medicina Veterinária, pois estas carreiras mantiveram sua imagem de masculinas no período 71-74*.

Entretanto, os sujeitos do sexo masculino tendem a estabelecer discriminação significativa por sexo nas indicações referentes aos pares de carreira: Medicina/Enfermagem e Educação Física/Farmácia-Bioquímica, considerando Medicina e Farmácia-Bioquímica mais indicadas para os personagens masculinos e apontando Enfermagem e Educação Física como mais apropriadas para personagens femininos.

Por seu turno, os sujeitos do sexo feminino tendem a estabelecer discriminações significativas do mesmo tipo, no que se refere ao par Odontologia-Paramédicas, considerando a primeira carreira mais indicada para personagens masculinos e a segunda, para personagens femininos.

É interessante notar que o comportamento dos sujeitos do sexo masculino é exatamente o oposto dos do sexo feminino em relação aos pares Medicina-Enfermagem e Odontologia-Paramédicas, evidenciando um reforçamento diferenciado por sexo das imagens de Medicina e Odontologia como carreiras masculinas e Paramédicas e Enfermagem como carreiras femininas.

Convém ressaltar outra discrepância entre os sujeitos de ambos os sexos: enquanto as moças não distinguem significativamente Educação Física e Farmácia-Bioquímica como carreiras masculinas ou femininas os rapazes deixam evidente essa distinção.

Os dados apresentados sugerem a existência de fatores que estariam atuando na sociedade, promovendo modificações nas imagens que os jovens mantêm a respeito de algumas das carreiras do CESCEM. Sugerem, ainda, que esses fatores parecem estar afetando de forma diferenciada os rapazes e as moças.

* No caso específico do par Agronomia-Ciências Domésticas existe um fator que pode ter influenciado os resultados. Tal fator é representado pela explicação dada aos sujeitos sobre as atividades do Economista Doméstico, a pedido dos mesmos, quando da aplicação do questionário 2, o que não ocorreu nos demais casos. Através dessa explicação caracterizou-se o profissional dessa carreira como aquele que auxilia a família no planejamento de sua economia, atuando junto a bancos, financeiras, etc.

Considerando que os resultados obtidos com a aplicação do questionário 2 foram, em certa medida, inesperados, optamos pela utilização de um terceiro instrumento (questionário 3) *, afim de confirmar ou não tais resultados. As respostas a esse questionário mostraram que os alunos que, em 1975, frequentam cursinhos pré-vestibulares em São Paulo, quando instados a opinar se determinadas carreiras são mais indicadas para homens ou para mulheres tendem a reagir num padrão semelhante aos vestibulandos CESCEM/71, como evidenciam os dados das Tabelas 5 e 6, a seguir e, nesse sentido, contra-

TABELA 5 — CARREIRAS DO CESCEM MAIS INDICADAS PARA HOMENS E PARA MULHERES, SEGUNDO JULGAMENTO DE ALUNOS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES-SEXO MASCULINO*.

Pares de carreira	Sujeitos Indicações	MASCULINOS		
		PARA HOMENS	PARA MULHERES	INDIFERENTE
1	Medicina	38	2	2
	Enfermagem	2	34	1
2	Agronomia	36	0	1
	Biologia	12	24	1
3	Odontologia	26	8	3
	Paramédicas	7	28	2
4	Veterinária	30	6	1
	Nutrição	4	32	1
5	Educação Física	28	6	3
	Farm.Bioquímica	18	17	2
6	Medicina	30	4	3
	Psicologia	5	28	4
7	Agronomia	36	0	1
	Econ.Doméstica	1	34	2

* Para estes dados e para os da tabela 6 não foram feitos os cálculos de χ^2 , pois a relação de dependência entre sexo e profissão indicada está por demais evidente, exceto para o caso do par Educação Física e Farmácia-Bioquímica. Cálculo de χ^2 , nestes dois casos considerando as respostas dos sujeitos do sexo masculino, mostrou a existência de diferença significativas nas indicações das carreiras, tendo em vista a variável sexo ($\chi^2 = 7,6350$). Estes sujeitos tendem a considerar Ed. Física mais indicada para homens e aparentemente não estabelecem diferença entre os sexos na indicação de Farmácia-Bioquímica. Já os sujeitos do sexo feminino não estabelecem qualquer diferença significativa entre os sexos nas suas indicações ($\chi^2 = 2,5922$).

* O número de sujeitos que respondeu ao questionário 3 ficou reduzido a 81, pois vários alunos não foram localizados quando de sua aplicação, aproximadamente duas semanas após a aplicação do questionário 2. Desses sujeitos, 69 estabeleceram discriminação entre sexos na indicação de carreiras, 8 estabeleceram discriminação em relação a algumas carreiras e 4 não fizeram qualquer discriminação.

ditam algumas de suas próprias indicações, quando feitas através de descrições. Ou seja, ao indicarem carreiras para personagens de descrições reagem de forma diferente dos vestibulandos CESCEM 71 e 74 e ao classificarem carreiras como masculinas ou femininas guiam-se pelo padrão tradicional da divisão sexual do trabalho.

TABELA 6 — CARREIRAS DO CESCEM MAIS INDICADAS PARA HOMENS E PARA MULHERES, SEGUNDO JULGAMENTO DE ALUNOS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES-SEXO FEMININO*.

Pares de carreiras	Sujeitos Indicações	FEMININOS		
		PARA HOMENS	PARA MULHERES	INDIFERENTE
1	Medicina	35	2	7
	Enfermagem	5	36	3
2	Agronomia	39	1	4
	Biologia	11	30	3
3	Odontologia	30	10	4
	Paramédicas	10	30	4
4	Veterinária	38	3	3
	Nutrição	1	40	3
5	Educação Física	17	21	6
	Farm. Bioquímica	24	14	6
6	Medicina	29	8	7
	Psicologia	2	38	4
7	Agronomia	39	1	4
	Economia Doméstica	1	40	3

A comparação das respostas dos vestibulandos CESCEM/74, com as respostas dos alunos de cursinhos pré-vestibulares permite verificar a existência de uma discrepância entre as opções por carreiras masculinas e femininas de parte desses vestibulandos pelo critério percentual e as indicações de carreiras, por parte dos alunos de cursos pré-vestibulares, 1975, pelo critério perceptual.

Que fatores estariam operando na determinação dessa discrepância? Uma das explicações possíveis reside no fato de que se trata de duas amostras diversas cujas respostas estão sendo agrupadas sob as mesmas categorias, mas por intermédio de critérios diferentes. Com efeito, enquanto a amostra CESCEM é predominantemente feminina e orientada para carreiras biológicas, a amostra de alunos de cursinhos pré-vestibulares é constituída por rapazes e moças em proporção semelhante, orientando-se para escolha de carreira em 3 diferentes esquemas de vestibular (CESCEM, CESCEA e MAPOFEI). Outra explicação seria a de que a indicação de carreira pelo critério perceptual como aqui definido não implica comprometimento do

sujeito com essa indicação enquanto que na opção de carreira há um investimento pessoal muito maior, em que fatores de realidade tais como competição por vagas, mercado de trabalho, salários, etc., acabam influenciando a decisão.

Por outro lado existe também discrepância na categorização das carreiras CESCEM em masculinas e femininas, por parte de alunos de cursos pré-vestibulares a partir da mudança de instrumentos. As considerações seguintes talvez possam explicar essas discrepâncias. Primeiramente, as descrições apresentadas no questionário 2 forneceram aos sujeitos uma série de outras variáveis a serem consideradas e que não estiveram presentes no questionário 3 (indicação sobre nível sócio-econômico, escolaridade, padrão de organização familiar, interesse e aptidões das personagens). Estas variáveis podem ter influenciado as decisões dos sujeitos ao fazerem as indicações das carreiras para os personagens. Outra explicação pode se cingir ao conteúdo das questões para os sujeitos nos questionários 2 e 3. No primeiro deles, o que se solicita efetivamente dos sujeitos é que julguem a adequação entre personagens de ambos os sexos a carreiras, enquanto que no segundo solicita-se que julguem uma adequação de carreiras a sexo.

Pelo que foi discutido até o momento podemos verificar, tomando por base a tradicional divisão sexual do trabalho, que:

- a) as carreiras masculinas são escolhidas predominantemente por homens e as carreiras femininas predominantemente por mulheres;
- b) carreiras do esquema CESCEM consideradas femininas (Paramédicas, Psicologia, Biologia e História Natural, Ciências Domésticas, Nutrição, Enfermagem) continuaram, no período de 71 a 74, a ser escolhidas predominantemente pelos vestibulandos do sexo feminino; estas carreiras são apontadas por alunos de ambos os sexos que freqüentam cursos pré-vestibulares, como mais indicadas para mulheres, quando solicitados a emitir sua opinião sobre a educação das mesmas para homens ou mulheres;
- c) carreiras do esquema CESCEM (Educação Física e Farmácia-Bioquímica) que não se caracterizavam, em 1971, nem como masculinas nem como femininas, feminizaram-se no período de 71 a 74, sendo percebidas diferentemente por alunos que freqüentam cursos pré-vestibulares, quando solicitados a emitir sua opinião sobre a adequação das mesmas para homens ou para mulheres. Os rapazes tendem a considerar Educação Física mais adequada para homens e Farmácia-Bioquímica adequada para ambos os sexos. As moças tendem a considerar ambas adequadas para os dois sexos;

- d) carreiras do esquema CESCEM consideradas, em 1971, como masculinas (Medicina Veterinária e Agronomia e Engenharia Florestal) continuaram a ser escolhidas predominantemente pelos vestibulandos do sexo masculino; estas carreiras são apontadas por alunos de ambos os sexos que freqüentam cursos pré-vestibulares como mais indicadas para homens, quando solicitados a emitir sua opinião sobre a adequação das mesmas para homens ou mulheres;
- e) carreiras do esquema CESCEM consideradas, em 1971, como masculinas (Medicina e Odontologia) estão gradualmente se feminilizando entretanto são consideradas mais indicadas para homens por parte dos alunos de ambos os sexos que freqüentam cursos pré-vestibulares, quando solicitados a emitir sua opinião sobre a adequação das mesmas para homens ou mulheres;
- f) quando instados a indicar carreiras com base em descrições em que os personagens ora assumem o caráter masculino, ora o feminino, os alunos de cursos pré-vestibulares tendem a estabelecer discriminações sexuais apenas para as carreiras de Medicina, Odontologia, Educação Física, Enfermagem, Paramédicas e Farmácia-Bioquímica. A primeira tende a ser considerada masculina pelos rapazes e neutras* pelas moças enquanto a segunda tende a ser encarada como masculina pelas moças e neutra pelos rapazes. Educação Física é percebida como feminina pelos rapazes e neutra pelas moças que também percebem como neutra a carreira de Farmácia-Bioquímica, enquanto os rapazes a vêm como masculina. Enfermagem é percebida como feminina pelos rapazes e neutra pelas moças. Finalmente, a carreira de Paramédicas é percebida como feminina pelas moças e como neutra pelos rapazes. As demais carreiras apresentam-se como neutras tanto para os alunos do sexo feminino como para os de sexo masculino.

As evidências apresentadas permitem reafirmar que existe relação de dependência entre sexo e escolha de carreira, confirmando a hipótese testada; implicitamente sugerem que essa relação é dinamicamente afetada por fatores que atuam no mercado de trabalho e, portanto, sobre as carreiras, podendo resultar num processo de feminização das mesmas. Não existem muitas evidências de que as transformações que estão se operando em algumas carreiras do CESCEM, promovendo sua feminização, estejam sendo ou não claramente percebidas pelos futuros

* Considerou-se aqui, como neutra, a carreira para a qual não ocorreu a existência de diferenças significativas quando da indicação da mesma para personagens masculinos ou femininos.

vestibulandos que hoje freqüentam cursinhos pré-vestibulares. As discrepâncias das respostas desses alunos a dois instrumentos diferentes sugerem que estes podem estar falhando na detecção das tendências dos sujeitos considerados no sentido de classificar as carreiras do CESCEM como masculinas ou femininas.

O exame das hipóteses seguintes poderá fornecer alguns elementos no sentido de verificar se remuneração e prestígio social, associados ao exercício de carreiras, podem ser considerados como fatores que

atuam no sentido de promover modificações na imagem das mesmas, como propõe Sullerot.

A fim de verificar se as carreiras femininas quando comparadas às masculinas são as de menor remuneração (H2) procuramos, inicialmente, obter um coeficiente de correlação de postos a partir da proporção de vestibulandas que escolhe cada uma das carreiras do CESCEM e dos informes sobre salários realmente pagos por empresas paulistas em 1973 (Caron e outros, 1974), conforme indicado na Tabela 7.

TABELA 7 — DISTRIBUIÇÃO DAS CARREIRAS DO CESCEM, SEGUNDO A PROPORÇÃO EM QUE FORAM ESCOLHIDAS EM 1.ª OPÇÃO, POR VESTIBULANDAS EM 1974 E SEGUNDO SALÁRIOS-HORA REAIS PAGOS EM EMPRESAS PAULISTAS EM 1973.

CATEGORIZAÇÃO DAS CARREIRAS*	CARREIRAS	% DE VESTIBULANDAS QUE ESCOLHEU	POSTOS	SALÁRIO REAL (MÉDIA DE SALÁRIO-HORA)	POSTOS
FEMININAS	Ciências Domésticas	100%	1	—	—
	Enfermagem Obstetícia	98,8%	2	13,59	8
	Nutrição	93,9%	3	13,39	9
	Paramédicas	92,3%	4	—	—
	Psicologia	87,1%	5	17,22	5
	Biologia e História Natural	79,0%	6	13,96	7
NEUTRAS	Educação Física	75,0%	7	—	—
	Farmácia Bioquímica	73,3%	8	14,03	6
MASCULINAS	Odontologia	58,2%	9	24,72	2
	Medicina	48,0%	10	25,03	1
	Medicina Veterinária	38,5%	11	20,36	3
	Agronomia	15,1%	12	18,83	4

* Segundo a categorização obtida por Oliveira (1972). Essa mesma categorização será empregada nas Tabelas 8 e 9.

Todavia, a fonte de que nos valem para obtenção dos dados de salário não cobriu informações salariais sobre três das carreiras. Considerando que essas três carreiras são femininas ou estão em processo de feminização e considerando também o

pequeno número de elementos que compõem o conjunto das carreiras CESCEM, optamos por não efetuar a estatística planejada, embora isto empobreça a análise. Por simples observação verifica-se que as carreiras tradicionalmente consideradas mas-

culinas são as melhor remuneradas, apesar de duas delas, exatamente as que apresentam maiores médias de salário-hora (Medicina e Odontologia), estarem sofrendo um processo de feminização. Na medida em que os dados não foram submetidos a um tratamento estatístico torna-se temerário aceitar ou não a hipótese levantada, podendo-se apenas sugerir que talvez exista uma correlação negativa entre as variáveis proporção de vestibulandos do sexo feminino que escolhe as diferentes carreiras do CESCEM em 1.^a opção e nível de remuneração dos profissionais que as exercem.

De que forma os futuros vestibulandos (atuais alunos de cursinhos pré-vestibulares) imaginam que sejam remunerados os profissionais das 12 carreiras? Os dados da Tabela 8, abaixo, quando comparados com os da Tabela 7, mostram que existe certa correspondência entre as posições ocupadas pelas carreiras numa hierarquia de remuneração real e numa hierarquia de remuneração construída a partir das percepções de futuros vestibulandos, especialmente no que diz respeito às carreiras de Medicina, Odontologia, Medicina Veterinária e Psicologia.

TABELA 8 — DISTRIBUIÇÃO DAS CARREIRAS DO CESCEM, SEGUNDO SALÁRIOS MÉDIOS PAGOS A PROFISSIONAIS DESSAS CARREIRAS, NO CONSENSO DE ALUNOS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES.

CATEGORIZAÇÃO DAS CARREIRAS	CARREIRAS	REMUNERAÇÃO SEGUNDO PERCEPÇÃO DE ALUNOS	POSTOS
FEMININAS	Ciências Domésticas	3.006,00	12
	Enfermagem-Obstetrícia	4.785,00	9
	Nutrição	5.976,00	7
	Paramédicas	6.762,00	4
	Psicologia	6.705,00	5
	Biologia e História Natural	4.624,00	10
NEUTRAS	Educação Física	3.218,00	11
	Farmácia Bioquímica	5.398,00	8
MASCULINAS	Odontologia	8.814,00	2
	Medicina	10.683,00	1
	Medicina Veterinária	7.435,00	3
	Agronomia	6.396,00	6

Nesse sentido pode-se dizer que os futuros vestibulandos têm uma noção relativamente realística da valorização social das carreiras consideradas, expressa através da remuneração paga aos profissionais que as exercem. Isto não significa, entretanto, que tenham uma percepção realista dos salários pagos a esses mesmos profissionais.

A fim de testar a hipótese de que as carreiras femininas, comparadas às masculinas são as de menos prestígio (H3) utilizamos a estatística de correlação de postos a partir dos dados da Tabela 9.

O coeficiente de correlação de Spearman, obtido a partir da comparação dos postos indicou um valor de $r = -0,441$. Ou seja, temos uma correlação negativa entre as variáveis proporção de vestibulandos do sexo feminino que escolhem as diferentes car-

reiras do CESCEM em 1.^a opção e prestígio atribuído a essas carreiras numa escala de prestígio social. Este dado aparentemente confirmaria a hipótese levantada. Entretanto, a prova de hipótese não nos permitiu aceitá-la, pois obtivemos um valor de $t_0 = 1,552$ para um $t_c = 2,228$. Todavia, como o número de nossos casos é muito restrito (12 carreiras) e não sabemos se as variáveis são normalmente distribuídas na população, devemos considerar com certa reserva o resultado obtido na prova de hipótese. Parece-nos que, em função dos resultados, podemos, no máximo, afirmar que existe uma certa *tendência*, no sentido de atribuição de menor prestígio social às carreiras femininas do CESCEM quando comparadas às masculinas.

Para verificar a existência ou não de diferenças significativas nas expectativas de candidatos do sexo

TABELA 9 — DISTRIBUIÇÃO DE CARREIRAS DO CESCEM, SEGUNDO A PROPORÇÃO EM QUE FORAM ESCOLHIDAS, EM 1.ª OPÇÃO, POR VESTIBULANDAS EM 1974 E SEGUNDO O PRESTÍGIO SOCIAL QUE LHE É ATRIBUÍDO POR ALUNOS DE CURSINHOS PRÉ-VESTIBULARES.

CATEGORIZAÇÃO CARREIRAS	CARREIRAS	% DE VESTIBU LANDAS QUE ESCOLHEU	POSTOS	POSIÇÃO NUMA HIERARQUIA DE PRESTÍGIO SOCIAL
FEMININAS	Ciências Domésticas	100%	1	12
	Enfermagem Obstetrícia	98,8%	2	10
	Nutrição	93,9%	3	6
	Paramédicas	92,3%	4	4
	Psicologia	87,1%	5	3
	Biologia e História Natural	79,0%	6	9
NEUTRAS	Educação Física	75,0%	7	11
	Farmácia Bioquímica	73,3%	8	7
MASCULINAS	Odontologia	58,2%	9	2
	Medicina	48,0%	10	1
	Medicina Veterinária	38,5%	11	8
	Agronomia	15,1%	12	5

masculino e feminino acerca de suas probabilidades de ingresso nos cursos pelos quais optaram (H4) utilizou-se a estatística de χ^2 , a partir dos dados da Tabela 10, a seguir:

TABELA 10 — DISTRIBUIÇÃO DAS RESPOSTAS DE CANDIDATOS CESCEM/74 RELATIVAMENTE AS SUAS PROBABILIDADES DE INGRESSO NOS CURSOS QUE ESCOLHERAM EM 1.ª OPÇÃO.

SEXO	Probabilidade de ingresso no curso de 1.ª opção			TOTAL
	60% a 100%	50%	0% a 40%	
MASCULINO	368	234	97	699
FEMININO	439	371	208	1018
TOTAL	807	605	305	1717

O teste da hipótese permitiu aceitá-la ao nível de 0,0001. O resultado do teste de comparação de médias, empregado para verificar o sentido das diferenças observadas (H4.1) permitiu aceitar a hipótese apenas ao nível de 0,10. Ou seja, os candidatos do sexo masculino diferem dos do sexo feminino nas suas expectativas acerca da probabilidade de ingresso nos cursos pelos quais optaram, mas o sentido dessa diferença, que favorece os rapazes, deve ser encarado com certa cautela dado o nível de significância obtido no teste de H4.1.

Deve-se notar, ainda, pelo exame da Tabela 10, que tanto os candidatos do sexo masculino como do sexo feminino tendem a manter expectativas altas de obtenção de vagas, mas os rapazes são mais "otimistas" que as moças.

A formulação da hipótese de que o nível sócio-econômico influencia significativamente as escolhas

de carreiras feitas por candidatos do sexo feminino (H5), bem como a proposição de que as candidatas de nível sócio-econômico mais baixo escolhem em maior proporção carreiras ditas masculinas (H5.1) apoiou-se na sugestão de McGuire a respeito do comportamento "alpinista" de parte dos jovens pertencentes às camadas sócio-econômicas inferiores. Aparentemente esse comportamento alpinista não se evidencia em nossa amostra. Com efeito, embora o teste da H5, a partir dos dados da Tabela 11, mostrasse que as candidatas pertencentes aos estratos 1 e 2 (mais baixos) diferem significativamente daquelas que se incluem nos estratos 3 e 4 (mais altas) no que diz respeito às suas escolhas de carreira, parece que tais diferenças não podem ser imputadas à escolha de carreiras masculinas em maior proporção por parte das vestibulandas do estrato inferior. Isto se evidenciou pelo teste χ^2 a que foram submetidos os dados da Tabela 12. Esse teste indicou que não existem diferenças significativas no comportamento das vestibulandas dos estratos extremos no que concerne à escolha de carreiras masculinas. Convém ressaltar que para o teste de ambas as hipóteses as carreiras foram agrupadas em masculinas, femininas e neutras a partir da categorização obtida por Oliveira e empregada no teste da H1.

TABELA 11 — ESCOLHAS DE CARREIRAS MASCULINAS, FEMININAS E NEUTRAS POR PARTE DE VESTIBULANDAS CESCEM/74, PERTENCENTES A DIFERENTES NÍVEIS SÓCIO-ECONÔMICOS.

NSEF \ CARREIRAS	CARREIRAS			TOTAL
	MASCULINAS	FEMININAS	NEUTRAS	
Estratos 1 e 2	301	215	96	612
Estratos 3 e 4	238	145	44	427
TOTAL	539	360	140	1039

$\chi^2 = 7,589$ — 2 graus de liberdade $\alpha = 0,01$

TABELA 12 — ESCOLHAS DE CARREIRAS MASCULINAS, FEMININAS E NEUTRAS POR PARTE DE VESTIBULANDAS CESCEM/74, PERTENCENTES A DOIS ESTRATOS SÓCIO-ECONÔMICOS EXTREMOS.

NSEF \ CARREIRAS	CARREIRAS			TOTAL
	MASCULINAS	FEMININAS	NEUTRAS	
Estratos 1 e 2	25	322	291	638
Estratos 3 e 4	9	178	214	401
TOTAL	34	500	505	1039

$\chi^2 = 7,04809$ Nível de significância = 0,03

Quando reagrupamos as carreiras em masculinas, femininas e neutras tendo em vista a porcentagem de vestibulandos CESCEM/74 do sexo masculino e do sexo feminino que as escolhem em primeira opção, ocorrem algumas mudanças nos resultados anteriormente observados em relação à H5 e à H5.1, como indicam as Tabelas 13 e 14 abaixo e os respectivos valores de χ^2 .

TABELA 13 — ESCOLHAS DE CARREIRAS MASCULINAS, FEMININAS E NEUTRAS POR PARTE DE VESTIBULANDAS CESCEM/74, DE DIFERENTES NÍVEIS SÓCIO-ECONÔMICOS.

NSEF \ CARREIRAS	CARREIRAS			TOTAL
	MASCULINAS	FEMININAS	NEUTRAS	
Estrato 1	67	56	22	145
Estrato 4	53	24	10	87
TOTAL	120	80	32	232

$\chi^2 = 2,955$ — 2 graus de liberdade $\alpha =$ não significante

TABELA 14 — ESCOLHAS DE CARREIRAS MASCULINAS, FEMININAS E NEUTRAS POR PARTE DE VESTIBULANDAS CESCEM/74, PERTENCENTES A DOIS ESTRATOS SÓCIO-ECONÔMICOS EXTREMOS.

NSEF \ CARREIRAS	CARREIRAS			TOTAL
	MASCULINAS	FEMININAS	NEUTRAS	
Estrato 1	8	113	89	210
Estrato 4	0	21	35	56
TOTAL	8	134	124	266

$\chi^2 = 8,30663$ Nível de significância = 0,02

Note-se que as mudanças que se operaram nas escolhas de carreira no período de 71 a 74 determinaram a ocorrência de diferenças significativas na proporção de vestibulandas de dois estratos extremos que escolhem carreiras masculinas e femininas. Entretanto, o exame dos dados da Tabela 14 indica que essas diferenças devem-se, não à escolha de carreiras masculinas em maior proporção por parte das vestibulandas de nível sócio-econômico inferior, mas exatamente à opção em maior porcentagem por carreiras femininas por parte dessas mesmas vestibulandas. Portanto, as modificações das escolhas em função no NSE das candidatas no período 71-74 confirmam a inexistência de comportamento "alpinista" entre as vestibulandas dos estratos inferiores.

O nível sócio-econômico não parece influenciar significativamente as expectativas das candidatas

quanto às probabilidades de ingresso nos cursos de sua opção, contrariamente ao que propõe a H6. Tanto as vestibulandas de NSE 1 e 2, como as de nível 3 e 4 tendem a manter mais expectativas altas do que baixas em relação à variável como se pode notar pelo exame da Tabela 15.

TABELA 15 — DISTRIBUIÇÃO DOS VESTIBULANDOS DE SEXO FEMININO DO CESCEM/74 DE DIFERENTES NSE, SEGUNDO SUAS EXPECTATIVAS QUANTO À PROBABILIDADE DE DE INGRESSO NO CURSO PELOS QUAIS OPTARAM.

NSE das candidatas	Probabilidade de ingresso no curso escolhido			TOTAL
	60% a 100%	50%	0% a 40%	
Estratos 1 e 2	268	225	126	619
Estratos 3 e 4	171	146	82	399
TOTAL	439	371	208	1018

$\chi^2 = 0,01929 \rightarrow 2$ graus de liberdade

Nível de significância = 0,9904

Mesmo quando se comparam as expectativas das vestibulandas situadas nos dois estratos extremos (Tabela 16) afim de verificar se as de NSE 1 mantêm expectativas mais altas (H6.1) não se notam diferenças significativas no comportamento.

TABELA 16 — DISTRIBUIÇÃO DE VESTIBULANDOS DO SEXO FEMININO DO CESCEM/74 PERTENCENTES A DOIS ESTRATOS SÓCIO-ECONÔMICOS EXTREMOS, SEGUNDO SUAS EXPECTATIVAS QUANTO À PROBABILIDADE DE INGRESSO NOS CURSOS PELOS QUAIS OPTARAM.

NSE das candidatas	Probabilidade de ingresso no curso escolhido			TOTAL
	60% a 100%	50%	0% a 40%	
Estrato 1	79	76	43	198
Estrato 4	25	17	14	56
TOTAL	104	93	57	254

$\chi^2 = 1,21772 \rightarrow 2$ graus de liberdade

Nível de significância = 0,5440

Isto é, num certo sentido, estranho, pois seria esperado algum tipo de discriminação quer na linha da sub-hipótese formulada (pressupondo um comportamento "alpinista" por parte das vestibulandas

de nível sócio-econômico mais baixo) quer na linha oposta à mesma (pressupondo que as vestibulandas de NSE superior, por terem mais acesso à educação, alimentariam, em maior proporção, altas expectativas de probabilidade de ingresso). De qualquer forma esse comportamento sugere um comprometimento pessoal das candidatas com suas escolhas o que provavelmente aumenta o nível das probabilidades subjetivas com que encaram suas condições de obtenção de vagas.

O teste da H7 indicou a existência de diferenças significativas entre os sexos em relação a três motivações de escolha de carreira: — possibilidade de obter melhor condição econômica, grande prestígio social e utilidade social da profissão.

A possibilidade de obter melhor condição econômica é motivo aventado em maior proporção pelas moças do que pelos rapazes como fator que exerceu alguma influência na escolha. Entretanto os rapazes, mais do que as moças, consideram-no fator de grande influência e mesmo fator decisivo na opção. Os vestibulandos do sexo masculino em proporção ligeiramente maior que os de sexo feminino consideram o maior prestígio social que possa advir do exercício da profissão escolhida como fator de alguma ou de grande influência, bem como fator decisivo na opção. Por fim as vestibulandas, mais que os candidatos do sexo masculino, consideram a utilidade social da profissão como fator de grande influência ou fator decisivo na escolha, enquanto estes, em maior proporção, apontam-no como fator de alguma influência.

O nível sócio-econômico das candidatas também não produz discriminações significativas em suas motivações de escolha, como ficou evidenciado pelo teste da H8. No geral, as candidatas apoiam fortemente suas escolhas na percepção da utilidade social da carreira eleita, bem como na crença de que a mesma poderá propiciar satisfação das aptidões e interesses profissionais. O prestígio social que possam obter com o exercício da profissão, assim como a possibilidade de obter melhor remuneração com esse exercício exercem apenas alguma influência na escolha. Os dados referentes a essas duas motivações, quando utilizados para o teste de χ^2 , permitiram obter valores significantes a nível de 0,08 e 0,10, respectivamente, indicando que talvez exista uma tendência no sentido das mesmas serem afetadas pelo NSE das candidatas. Este atua mais incisivamente sobre as candidatas dos estratos baixos no sentido de privilegiarem o motivo "facilidade de obter emprego" e mais fortemente sobre as candidatas dos estratos altos no sentido de elegerem o motivo "prestígio social da profissão".

7. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O modelo de análise que propusemos apoia-se fortemente no esquema conceitual desenvolvido por Blau e colaboradores para explicar a escolha vocacional. Dentre os vários determinantes remotos da escolha isolamos o NSE como uma variável independente cujo efeito sobre a opção profissional desejamos investigar. Dentre os determinantes imediatos isolamos sexo como a outra variável independente cuja influência sobre o processo de escolha nos propusemos estudar.

Segundo o modelo de análise deveremos discutir:

- a) os efeitos da variável NSE dos candidatos sobre as expectativas (E) que alimentam de ingressar nos cursos de sua opção e sobre as motivações de escolha (ME). Isto nos conduz à análise dos resultados obtidos no teste das hipóteses 6 e 6.1 e da hipótese 8, respectivamente;
- b) a influência da variável sexo dos candidatos sobre as mesmas variáveis dependentes (E e ME), o que implica em analisar os resultados observados quando do teste das hipóteses 4 e 4.1 em relação às expectativas e os que se referem à hipótese 7, tendo em vista as motivações de escolha.

Finalmente, considerando as análises anteriores deveremos discutir uma das possíveis influências da variável sexo na escolha de carreira — especificamente, a influência que pode exercer no sentido de que os indivíduos escolham carreiras consideradas socialmente como mais apropriadas a seu sexo, de acordo com a lei da rentabilidade e prestígio formulada por Sullerot. Para isto deveremos lançar mão, de maneira específica, dos resultados obtidos com o teste das hipóteses 1, 2 e 3. Além disso discutiremos a influência que o NSE dos candidatos de sexo feminino pode exercer na escolha de carreiras consideradas masculinas ou femininas, trabalhando com os resultados verificados no teste das hipóteses 5 e 5.1.

O que ressalta no comportamento das candidatas, tendo em vista seu NSE, é a manutenção de expectativas altas de ingressos nos cursos de sua opção, independentemente do estrato em que se inserem. Se nos reportarmos às características da amostra verificaremos que uma certa proporção das moças independentemente de seu NSE se inclinariam a prestar novos vestibulares para a mesma carreira, se reprovadas. Um razoável contingente, por sua vez, indicou que a carreira escolhida em primeira opção seria a única que lhe poderia oferecer satisfação. Como as expectativas de ingresso representam, na verdade, as probabilidades subjetivas que os indivíduos associam ao evento do ingres-

so e como as profissões escolhidas parecem muito desejadas por eles, aparentemente o que ocorre, neste caso, é uma predisposição das candidatas para enfrentar, realística ou irrealisticamente, a carga dos cursos preparatórios e as exigências do vestibular a fim de alcançar o objetivo a que se propuseram, ainda que isto obrigue, para aquelas que pertencem aos estratos inferiores de NSE, uma sobrecarga econômica considerável. Nesse sentido, as altas expectativas de ingresso representam como que uma forma de auto-convencimento do futuro sucesso nos exames, afetando indiscriminadamente as candidatas de NSE baixo ou alto. Nessa mesma linha de raciocínio, deve-se atentar, ainda, para o fato de que o jovem caminha, na faixa de idade aqui considerada, para um processo de “cristalização” de sua opção profissional, resistindo, portanto, a possíveis mudanças na mesma.

O comportamento das vestibulandas com relação às motivações de escolha, a partir do NSE, revela um componente idealista (escolha de carreira em virtude de sua utilidade social) e, ao mesmo tempo, uma tentativa de implementação do auto-conceito vocacional (possibilidade de obter satisfação de aptidões e interesses profissionais). Por outro lado, parece existir uma tendência no sentido das motivações de escolha ganharem uma dimensão mais realista em função do NSE das candidatas. Isto porque embora ambas as motivações anteriormente apontadas condicionem fortemente as escolhas dos candidatos em geral, estabelece-se uma certa diferenciação no comportamento de vestibulandas de diferentes NSE quando são consideradas as motivações que exerceram alguma influência na escolha. Aqui as candidatas de NSE mais baixo privilegiam como motivo de escolha a facilidade para obter emprego enquanto que as de NSE alto preocupam-se mais com o prestígio social da carreira.

É possível notar, pelos dados obtidos, que o NSE das candidatas tende a exercer uma influência muito limitada na definição das expectativas e das motivações de escolha que as mesmas alimentam. Ou seja, outros fatores provavelmente estão atuando mais fortemente que o NSE para determinar, no grupo feminino, suas expectativas e motivações ligadas ao comportamento de escolha de carreiras.

Quando passamos a examinar essas expectativas e motivações do ponto de vista da variável sexo verificamos que esta parece exercer uma influência mais decisiva no comportamento dos candidatos, como evidenciaram as diferenças significativas observadas.

A tendência dos rapazes para manter expectativas mais altas que as moças acerca de sua probabilidade de ingresso nos cursos escolhidos pode ser analisada à luz do esquema conceitual de Blau e colaboradores. Se nos reportarmos a esse esquema,

poderemos observar que as expectativas, bem como as preferências do indivíduo em relação a um determinado objeto de escolha são resultantes de um processo de desenvolvimento individual, marcado pelos efeitos que a estrutura social exerce sobre as condições biológicas. Verificou-se que os vestibulandos do sexo feminino, em situação de competição, tendem a sustentar expectativas de obtenção de vagas mais baixas que seus colegas do sexo masculino. Se tal ocorre, podemos, então, sugerir que a estrutura social está modelando nas vestibulandas um comportamento compatível com a discriminação sexual do trabalho gerada por essa mesma estrutura, segundo a qual os homens são mais capazes que as mulheres e têm, portanto, mais condições para suplantá-las na competição por vagas no vestibular.

Por outro lado, as diferenças observadas entre vestibulandos do sexo masculino e do sexo feminino nas motivações de escolha de carreira parecem coerentes com a ideologia vigente em nossa sociedade a respeito do trabalho masculino e feminino. Assim, os candidatos do sexo masculino tendem a escolher predominantemente influenciados pela remuneração e prestígio social, enquanto os do sexo feminino prendem-se mais à utilidade social da carreira. Enquanto o homem é instado a encarar a profissão predominantemente como forma de obter subsistência e ascensão social, a mulher é induzida a encará-lo sob a ótica da atividade assistencial. Este dado ganha novas dimensões considerando-se as características da amostra de vestibulandos CESCEM/74. As vestibulandas que pertencem aos estratos sócio-econômicos inferiores continuam optando preferencialmente por carreiras femininas, objetivando prestar assistência e mesmo quando optam por carreiras masculinas guiam-se predominantemente por essa mesma motivação.

Já verificamos, em função dos elementos trabalhados no teste das hipóteses 2 e 3 que embora não tenhamos condições de aceitar a lei da rentabilidade e prestígio proposta por Sullerot, também não podemos rejeitá-la. As evidências colhidas mostram uma *tendência* geral no sentido das carreiras femininas serem menos remuneradas e gozarem de menor prestígio que as masculinas. Todavia, o caso específico de Medicina e Odontologia merece referência especial pois, como se verificou, apesar de estarem passando por um processo de feminização, mantêm alta remuneração e alto prestígio contraditando, aparentemente, a lei sugerida por Sullerot.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que a atribuição de alto prestígio à carreira de Medicina por parte dos sujeitos pode refletir uma idealização dessa mesma carreira, com pouco apoio em dados de realidade. Com efeito Mário Rigatto, pesquisador-conferencista do Conselho Nacional de Pesquisa,

afirma exatamente o contrário do que o fazem nossos sujeitos, dizendo que o prestígio social que os médicos perderam não só é irrecuperável, mas tende a diminuir. Indica como fatores dessa perda de prestígio, a produção maciça de médicos com a conseqüente desvalorização da mão-de-obra, o assalariamento ocorrido em função da transformação dos médicos de profissionais liberais em funcionários públicos (pelo atendimento à população através de institutos previdenciários que proporcionam hoje emprego a 70% dos médicos e custeiam 90% das despesas médicas) e a desmistificação da figura "onipotente" do médico através dos inúmeros recursos e instrumentos científicos empregados no diagnóstico e terapia das moléstias. Assim, outros fatores estariam se associando à socialização da Medicina para diminuir o prestígio social do médico. Deve-se acrescentar, ainda, que a transformação do médico em funcionário público ou membro de polí-clínicas favorece a partição do horário de trabalho em vários períodos, o que pode tornar a profissão atraente para mulheres que ainda se encontram divididas entre a atividade profissional fora do lar e as incumbências domésticas.

Os dados de remuneração também devem merecer uma análise mais cuidadosa pois a comparação entre níveis de remuneração cingiu-se às carreiras do CESCEM.

Pode-se afirmar corretamente, que Medicina conserva a mais alta remuneração *entre as carreiras do vestibular CESCEM* as quais, como já vimos, são predominantemente femininas e de menor remuneração. O que aconteceria se comparássemos as remunerações dos médicos com a de outros profissionais que optaram por carreiras predominantemente masculinas como é o caso, por exemplo, daquelas que se incluem no esquema MAPOFEI de vestibulares? Os dados sobre remuneração para as profissionais de diversas carreiras em empresas paulistas (Caron e outros, 1974) podem servir-nos na resposta a essa indagação. A disposição dos salários-hora de diferentes profissionais numa ordem decrescente mostra que a remuneração do médico aparece em quarto lugar, antecedida pela do Engenheiro, pela do Administrador de Empresas e pela do Advogado, nessa seqüência. Isto explica, ao menos em parte, o decréscimo na proporção dos rapazes que optam por Medicina. Esses candidatos estariam, assim, procurando profissões masculinas de maior prestígio e rentabilidade fora do CESCEM, (uma suposição que encontra apoio no fato de que, nos vestibulares de 1974, cerca de 59% dos candidatos ao CESCEM eram do sexo feminino).

As motivações de escolha de carreira apresentadas pelos candidatos constituem outro conjunto de dados que podem auxiliar presente análise embora se deva usar de cautela, dada a desejabilidade

social da resposta ao item, o que pode ter levado os candidatos a falsear opiniões. O teste da H7 indicou que, das 8 motivações apresentadas no questionário 1, apenas três discriminaram significativamente entre os sexos (possibilidade de obter melhores condições econômicas, prestígio social e utilidade social da profissão).

Vale a pena notar a esse respeito, que aparentemente a possibilidade de obter melhor situação econômica através do exercício da carreira de Medicina não exerce grande influência nem constitui fator decisivo para a escolha dessa carreira por parte dos vestibulandos 74, embora tal motivo discrimine significativamente entre rapazes e moças, com os primeiros valorizando-o mais (23% dos rapazes contra 13% das moças consideram que tal fator exerceu alguma influência em sua escolha). O fato da carreira ser considerada socialmente útil, mais do que a remuneração provável ou prestígio social, parece ter determinado a escolha da mesma e, nesse particular, as moças mostram-se mais significativamente influenciadas que os rapazes.

Ou seja, Medicina parece ter sido eleita por esses vestibulandos predominantemente em virtude de seu caráter assistencial mais do que pela sua possibilidade de proporcionar altas remunerações ou pelo prestígio social que possa advir de seu exercício, sendo tal fator mais importante para as vestibulandas.

Como interpretar os dados relativos a Odontologia?

De um lado, as três motivações de escolha que permitiram de forma geral discriminar entre sexos, não atuaram neste caso. Os vestibulandos, independentemente do sexo, elegeram esta carreira em função primeiramente de sua utilidade social, considerando depois a possibilidade de maior remuneração e maior prestígio social.

Por outro lado, o processo de socialização válido para o caso da Medicina, não se aplica aqui. Os institutos previdenciários não custeiam despesas decorrentes de tratamento odontológico. Além disso é bem menos intensa, entre os cirurgiões dentistas, a tendência observada no caso dos médicos de se agruparem em policlínicas.

Talvez a feminização dessa carreira encontre uma possível explicação, como ocorre em relação à carreira médica, na maciça formação de profissionais com algumas das conseqüências já apontadas. Todavia, outros fatores devem estar operando aqui, de forma ainda mais intensa do que em Medicina pois o "índice de feminização" (entendido como a diferença entre o percentual de vestibulandos do sexo feminino que escolheu a carreira em 1971 e 1974) para esta última é de 16%, enquanto que para Odon-

tologia é da ordem de 20%. Por outro lado, a depreciação da remuneração que se verificou ao considerarmos a carreira médica em relação a outras carreiras marcadamente masculinas também está atuando neste caso. Na verdade essa depreciação é mais intensa aqui, pois a remuneração do cirurgião dentista sempre foi menor que a do médico.

Aparentemente as diferenças observadas na escolha de carreiras masculinas e femininas, em função do NSE das candidatas, devem-se principalmente as escolhas das vestibulandas pertencentes aos estratos médios, quando agrupamos as carreiras segundo a tradicional divisão sexual do trabalho. Devem-se também às escolhas das vestibulandas dos estratos inferiores e superiores quando reagrupamos as carreiras segundo as modificações que vêm ocorrendo na proporção de candidatas que escolhem aquelas em processo de feminização. Em outras palavras, parece que o processo de feminização das carreiras agudiza as diferenças nas escolhas de candidatas de NSE extremos, em função da maior proporção de escolhas de carreiras femininas por parte das vestibulandas dos estratos mais baixos. Isto significa que, se existe comportamento alpinista entre as vestibulandas do CESCEM, ele deve situar-se com maior probabilidade entre aquelas que pertencem ao estrato médio inferior.

Os dados obtidos e sua análise permitem afirmar a existência de dependência entre sexo e *motivações de escolha*, bem como entre sexo e *expectativas de ingresso* na carreira de primeira opção. Se, por outro lado, entendermos *motivações de escolha* como componentes de uma *hierarquia de preferências* e *expectativas de ingresso* no curso de primeira opção como componentes de uma *hierarquia de expectativas*, podemos então dizer, que a escolha de carreira por parte de vestibulandos CESCEM/74 reflete um compromisso que, do ponto de vista de sexo, se estabelece segundo dois padrões:

- a) *padrão feminino* — predominância de escolha de carreiras "femininas" ditadas por motivações de caráter principalmente assistencial e por altas expectativas de ingresso na carreira de primeira opção sendo tais expectativas, todavia, mais baixas que as dos candidatos de sexo masculino.
- b) *padrão masculino* — predominância de escolha de carreiras "masculinas" ditadas por motivações de caráter principalmente econômico bem como por expectativas altas de ingresso nas carreiras pelas quais optaram.

O NSE das candidatas não parece exercer influência quer sobre as motivações de escolha de carreira quer sobre as expectativas de ingresso das candidatas do sexo feminino, tal como definidas neste trabalho. Exerce, entretanto, influência na

escolha de carreiras masculinas e femininas. É muito provável, então, se aceitamos o esquema de Blau, que a escolha de carreiras masculinas e femininas em função do NSE das candidatas esteja resultando de motivações e expectativas de outra ordem que não aquelas operacionalizadas nesta investigação.

7. CONCLUSÕES

Os elementos colhidos e analisados no presente estudo permitem traçar as conclusões que se seguem.

1. As carreiras do esquema CESCEM podem ser caracterizadas, segundo um critério percentual, em "masculinas", "femininas" e "neutras".
2. A distribuição das carreiras pelas três categorias especificadas segundo a porcentagem em que são escolhidas por vestibulandos CESCEM/74 é a seguinte:

CARREIRAS MASCULINAS

Agronomia e Engenharia Florestal
Medicina Veterinária

CARREIRAS NEUTRAS

Medicina
Odontologia

CARREIRAS FEMININAS

Psicologia
Nutrição
Enfermagem e Obstetrícia
Especialidades Paramédicas
Farmácia e Bioquímica
Biologia e História Natural
Economia Doméstica
Educação Física

3. Quando comparamos essa distribuição com aquela resultante do emprego do critério tradicional de divisão sexual do trabalho percebe-se que está ocorrendo um processo

gradual de "feminização" das carreiras do CESCEM que pode ser indicado pelo sentido:

carreiras masculinas → carreiras neutras → carreiras femininas

O processo de feminização atinge de modo mais intenso duas carreiras consideradas masculinas pelo critério tradicional da divisão sexual do trabalho: Medicina e Odontologia.

4. Não é possível, a partir da presente investigação, validar ou rejeitar a lei da rentabilidade e prestígio da profissão como fator condicionante e diferenciador de escolha de carreira por parte de sujeitos do sexo masculino e feminino.
5. Tanto os vestibulandos do sexo masculino como os do sexo feminino tendem a manter altas expectativas de obtenção de vagas nos cursos para os quais optaram, mas os do sexo masculino diferem significativamente dos do sexo feminino, tendendo aqueles a manter expectativas mais altas que estes.
6. Os candidatos do sexo masculino não se diferenciam significativamente dos do sexo feminino em suas motivações de escolha, exceção feita a três motivos — possibilidade de obter boa situação econômica, obtenção de alto prestígio social e utilidade social da carreira escolhida. Os vestibulandos do sexo masculino tendem a valorizar mais os dois primeiros, enquanto que os do sexo feminino apoiam-se mais no terceiro.
7. As vestibulandas, de modo geral, e independentemente de seu NSE tendem a escolher mais as carreiras femininas do que as masculinas. As candidatas de NSE inferior não diferem significativamente das do NSE superior na escolha de carreiras masculinas. Entretanto as primeiras tendem a escolher as carreiras femininas em maior proporção do que as segundas.
8. As expectativas de ingresso das candidatas nos cursos pelos quais optaram, bem como suas motivações de escolha não são afetadas significativamente pela variável NSE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUARIO ESTATISTICO BRASILEIRO, IBGE, 1974.

BEILIN, H. (1956) — The utilization of high level talent in lower socio economic groups. *Personnel and Guidance Journal*, Washington, American Personnel and Guidance Association, (34): 175.

BESSA, NICIA (1971) — *Alunos do Curso Colegial. Planos e características sócio-econômicas*. Rio de Janeiro, F.G.U., p. 12-13.

BLAU, P. M.; PARNES, H. S.; GUSTAD; JESSOR, R. & WILLCOCK, R. C. (1968) — Occupational choice: a con-

- ceptual framework. In: ZYTOWSKI, D. G., ed. *Vocational behavior*. New York, Holt, Rinehart and Winston, p. 358-370.
- BOSS, C.; MAIRE & MULLER (1960) — *La BGA: manuel 3*. Neuchâlet, Délacliaux et Niéstele, p. 14.
- CARON, Dalcio; LOPES, João do Carmo e MOLINA, Alair (1974) — *Levantamento de Dados e Análise Salarial de Profissionais de Nível Universitário*, USP/FEA/IFE, pg. 23, (mimeografado).
- CHOMBART DE LAUWE, M. J. et alii (1963) — *La femme dans la société*. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, cap. 8, p. 233-270.
- DIAS, José Augusto (1967) — *Ensino médio e estrutura sócio-econômica*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, p. 43-34.
- EDWARDS, W. (1954) — Theory of decision making. *Psychological Bulletin*, Washington, American Psychological Association, 51 (4): 397.
- GINZBERG, E. et alii (1951) — *Occupational choice*. New York, Columbia University Press.
- GUILFORD, L. P. (1954) — *Psychometric methods*. New York, McGraw-Hill, p. 11-12.
- HUTCHINSON, Bertran (1960) — *Mobilidade e trabalho*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, cap. 2, p. 19-51.
- McGUIRE, C., apud., HOLLINSHEAD, D. (1951) — *Who should go to college?* New York, Columbia University Press.
- OLIVEIRA, Lólio Lourenço de (1972) — *Candidatos ao curso vestibular da área biológica em São Paulo*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, (Série Pesquisas educacionais, 6).
- PIGOT, M. (1969) — *Les carrières féminines*. Paris, Culture Arts Loisirs.
- ROSEMBERG, M. et alii (1957) — *Occupations and values*. Illinois, The Free Press of Glencoe.
- SCHIEFFER, R. (1966) — Atuais diretrizes da orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas 18 (1): 124-125, mar.
- SULLEROT, E. (1970) — *A história e sociologia da mulher no trabalho*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.
- SUPER, Donald E. (1953) — A Theory of Vocational Development. *American Psychologist*, vol. 8, nº 4, (May) p. 185-90.
- TIEDEMAN, David V. (1961) — Decision and Vocational Development: A Paradigm and Its Implications. *Personnel and Guidance Journal*, vol. 40, (Sep.), p. 15-20.

[Recebido para publicação em dezembro de 1975]